

## MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL

LUIZ LEITE DE VASCONCELOS

"Without the rural exodus to city and factory the achievements of modern civilization would have been impossible"  
Dudley Kirk — *Europe's Population in the Inter-war years* Liga das Nações, 1946.

### (I)

1. A população brasileira sempre teve grande mobilidade espacial, como traço dominante da sua formação, presente em todos os momentos históricos. Encontramos na obra dos viajantes e estudiosos<sup>(1)</sup>, que no passado escreveram sobre esta imensa "nação-continente",<sup>(2)</sup> numerosas referências à constância dos movimentos migratórios no Brasil, desde as épocas coloniais mais recuadas e nos vários escalões da sociedade, em esquecer a divagação coletora típica dos selvícolas, para o quadro ficar completo. Era aquela, evidentemente, a "feição natural de todo o território semi-virgem da presença humana, onde a maior parte da área ainda está por ocupar e onde as formas de atividade mais convenientes para o homem ainda não foram encontradas..."<sup>(3)</sup>. O sagaz Saint Hilaire diria que todo o mundo parecia estar sempre imaginando haver um lugar qualquer em que viveria melhor.

Como nação americana, formada a partir da estaca zero, na alvorada dos Tempos Modernos, muito acentuada foi a importância

---

(1) Entre outros, Saint Hilaire, Eschewege, Kidder e Fletcher, Ferdinand Denis. Alguns autores nacionais e estrangeiros chegaram a criar a mística de um "instinto migratório", conservado por forte atavismo na população brasileira. Lynn Smith, por exemplo, se o não diz expressamente, nada teve a opor-lhe, e cita essa expressão no relatório "Rubber Production in the Amazon Valley", no seu *Brazil, People and Institutions*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 247. Também Gileno de Carli, para referir um autor nacional, sublinhou o famoso "instinto"... — "Aspectos açucareiros do Nordeste", pág. 28-29.

(2) Consagradora expressão de Pierre Deffontaine — *Geografia Humana do Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 26.

(3) Caio Prado Junior, *Formação do Brasil Contemporâneo (colônia)*, 2.<sup>a</sup> ed. pág. 66.

dêses movimentos entre nós, graças aos quais pôde ser ocupado tão amplo território, e se desenvolveram as potencialidades econômicas. Cada um dos grandes ciclos de desbravamento do Brasil-Colônia teve, por isso, implícitas, migrações de maior ou menor intensidade, acêrca das quais os historiadores dão fé. No Século XVI, a ocupação do litoral e as primeiras Entradas. No XVII, a progressão das fazendas de gado, as arremetidas pelo Amazonas e seus afluentes, a fixação na costa setentrional, as Bandeiras, enfim<sup>(4)</sup>. No XVIII, a corrida para os diamantes e o ouro das Minas Gerais, provocando deslocamentos em massa e atraindo maior número de imigrantes reinois que até então.

Arrefecido o rendimento da mineração, vamos encontrar no prelo das grandes lavouras cafeeiras, pela Baixada Fluminense, rumo a São Paulo e à terras roxas,<sup>(5)</sup> um movimento de população que, de certo modo, pela intensidade, se lhe pode comparar. Na transição para o século XIX êsse foi o mais significativo aspecto de um refluxo de esforços para a agricultura de grande mercado, que se fêz sentir em vários pontos do país: primeiro, pelo renascimento da cultura da cana, do fumo, do algodão, etc., depois por aquela “verdadeira febre de plantar café”,<sup>(6)</sup> que os lucros polpudos da rubiácea traziam. Se dissermos que de 1800 a 1850, ou pouco mais, foram vendidos no Brasil cêrca de 1 600 000 escravos,<sup>(7)</sup> contra 1 300 000 em tôda a centúria anterior, quando êles eram, aparentemente, mais baratos, teremos uma noção clara do vigor dessa época.

2. Na necessidade de atribuírmos um ponto de partida para o estudo das modernas migrações interiores brasileiras, o mais indicado será principiar com os deslocamentos que foram determinados pela expansão do café e a revivificação de outras produções agrícolas, a que acabamos de nos referir. Infelizmente, pouco se tem escrito a respeito. Nem sequer o principal historiador do café, Affonso de E. Taunay, a quem devemos obra tão ampla<sup>(8)</sup>, se preocupou com as

---

(4) — A rigor poderíamos mencionar ainda os movimentos forçados pelas hostilidades com os holandeses, que procuravam estabelecer-se no Nordeste, ou pela freqüente ameaça de ataques costeiros.

(5) — Solos resultantes da decomposição do trapp, que se revelaram ideais para o café.

(6) — Pedro Leão Veloso, na sua Mensagem de 1859, como Presidente do Espírito Santo.

(7) — Estimativa de Affonso d'Escragnole Taunay, *Subsidios para a História do Tráfico Africano no Brasil*, pág. 305.

(8) Na sua *Pequena História do Café no Brasil*, Taunay dá várias informações sôbre movimentos de população, colhidas em relatórios, mensagens e obras de meados do sec. XIX, de que são exemplo as suas referências a declara-

implicações demográficas — lastima-o Sérgio Milliet, muito a propósito. E o interessante estudo da autoria do mesmo Milliet, sobre *Roteiro do Café*<sup>(9)</sup>, apenas se aproxima do problema, sem entrar na minúcia.

Na falta ou alheamento da existência de dados estatísticos, não têm realmente, os estudiosos encontrado ânimo para atacar a questão a fundo. É justo esperar agora, porém, que se lhe apeguem de melhor jeito. Os demógrafos, por estarem habilitados a enfrentar a escassez deste gênero de documentação, são os mais indicados, certamente, para elucidar muitos pontos que permanecem obscuros. O censo de 1872, por exemplo, aí está, a desafiá-los, com as suas preciosas tabelas em que, por paróquia, foi determinada a naturalidade dos brasileiros presentes<sup>(10)</sup>. E além desse cômputo, há ainda recenseamentos estaduais que prestam, também, informações. Material sobre o qual, inexplicavelmente, desde historiadores e economistas, todos têm feito tábua rasa.

3. Ora segudo esse Recenseamento de 1872, a distribuição geográfica dos saldos migratórios aparentes já era, na ocasião, sensivelmente a mesma dos dois últimos Censos. As Províncias do Sul e Centro Oeste<sup>(11)</sup> acusavam ganhos substanciais; nas do Norte, o número de imigrantes se equiparava ao de emigrantes<sup>(12)</sup>; no Nordeste e Leste, fortes diferenças negativas. Sem dúvida que a apuração deve ser encarada com reservas. Mas serve para acentuar o fato de que, no Sul, com o estímulo do surto cafeeiro, que presidiu à ex-

---

ções do futuro Barão de Cotegipe, quando ainda Presidente da Bahia, em 1860, à "grande corrente migratória para os cafesais do Sul" (pág. 67); do Vice-Presidente da mesma Província, José Augusto Chaves, em 1861, ao "êxodo dos escravos (sic) para o Sul" (pág. 69); do Ministro Paula Souza, em 1866, sobre "o êxodo notável de escravos" (pág. 74); ou, ainda, numa tentativa de duvidosa precisão, Sebastião Soares, que em "Elementos de Estatística", obra publicada em 1865, avalia em 27 441, o número de escravos que do "Norte", e referia-se ao Nordeste, passaram às Províncias do Sul (incluindo certamente na designação a do Rio de Janeiro), no período 1852/59 (pág. 86). São tôdas estas informações uma indicação de que a nova consulta dessas e outras fontes contemporâneas poderá render esclarecimentos muito úteis ao estudo das migrações.

(9) O autor relaciona em bruto, nessa obra, (*Roteiro do Café*, São Paulo, 1938), o crescimento da população das várias zonas paulistas, com o incremento da produção de café e algodão. Ver ref. bibliográfica. Seria justo, também, assinalar, sob a mesma observação, a obra de José Francisco de Camargo, "*Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*".

(10) Discriminados por sexo, côr, livres e escravos, estado conjugal.

(11) Adotamos a divisão regional atualmente seguida pelo IBGE.

(12) Começava a intensificar-se o extrativismo, no Pará e Amazonas. Ver nota 15. O saldo era fortemente positivo nesta última Província: + 3 266. E negativo no Pará: - 2 825, resultando, aparentemente, da grande saída de paraenses para o Amazonas e Maranhão.

pansão da economia brasileira, toma feição há mais de um século o mais importante capítulo das nossas migrações internas, paralelo, em tempos recentes, a um decisivo movimento de urbanização, com o qual de várias maneiras se entrosa.

O Censo de 1872 revela que cêrca de 3,6% do total brasileiros-natos se encontravam “deslocados” da Unidade de nascimento. Ao todo, seriam 345 310<sup>(13)</sup>, com a seguinte distribuição regional:

Província do	Imigrados *	Emigrados *	Saldo	Percentuais s/população total (**)	
				Imigrados	Saldo
Norte.....	6 606	6 165	+ 441	2,0%	+ 0,0%
Nordeste.....	133 350	167 286	- 33 936	6,5	- 1,0
Leste.....	76 377	129 932	- 53 555	1,7	- 1,1
Sul.....	107 812	33 480	+ 74 332	7,3	+ 4,7
Centro-Oeste.....	21 165	8 447	+ 12 718	9,7	+ 5,8
<b>TOTAL.....</b>	<b>345 310</b>	<b>345 310</b>	<b>—</b>	<b>3,6</b>	<b>—</b>

(\*) — Exclui os que não declararam Província de naturalidade.

(\*\*) — De brasileiros natos.

NOTA: Os totais regionais obtiveram-se pela soma dos totais de migrantes nas Províncias que compõem cada Região.

O alto coeficiente de imigrantes no Nordeste compunha-se, ontem como hoje, sobretudo, de próprios nordestinos<sup>(14)</sup> e, não obstante, era anulado pela emigração para outras Regiões. Acompanhando nós o crescimento da população nos Censos posteriores é notório que o Sul continuou recebendo elevada contribuição demográfica das demais Regiões<sup>(15)</sup>. Pelo que nos é possível avaliar, no estado atual

<sup>(13)</sup> Em complemento do parágrafo anterior e da tabela, note-se que eram os seguintes os saldos migratórios, por Província: no Nordeste, positivos, Piauí, com + 18 028, Alagoas, + 3 878 e Paraíba + 1 436; negativos, Pernambuco, com - 33 905, Ceará, - 10 933, Maranhão, - 6 458, Rio Grande do Norte, - 5 982. No Leste, positivos, Sergipe, com + 8 853, Rio de Janeiro, + 8 546 (e incluía o Município Neutro, da Capital), Espírito Santo, + 6 792; perdiam população Minas Gerais, - 58 939, e Bahia, - 18 807. No Sul e Centro-Oeste atuais, saldos positivos em São Paulo, com + 80 921, Goiás, + 14 162, Santa Catarina, + 1 137; negativos, Paraná, - 4 657, Rio Grande do Sul, - 3 069 e Mato Grosso, - 1 444.

<sup>(14)</sup> 120 602 imigrantes, ou 90,4% do total, o que atesta, sem dúvida, a antiguidade e a facilidade de relações entre as suas Províncias.

<sup>(15)</sup> Entretanto, de 1890 a 1920, devido sobretudo ao desenvolvimento da exploração da borracha, que atraiu, também, elevado número de migrantes, a população da Região Norte registrou o mais intenso crescimento do país. Observem-se as diferenças do crescimento bruto da população, nesses períodos inter-

do conhecimento, enquanto aguardamos medidas de maior precisão, as migrações de nacionais foram responsáveis por mais de 30% do aumento líquido da população sulina, no período 1872/1890. No decênio seguinte, a contribuição estrangeira teria atingido um máximo de 40 a 42%, ficando a das migrações internas em 6 a 8, para se elevar, novamente, no período 1900/1920, a mais de 11%, contra 18 a 20% de estrangeiros, desde então em regressão.

Esse movimento migratório compunha-se, até à Lei Áurea, evidentemente, de uma parte de escravos e outra de trabalhadores independentes. Não é fácil distinguir entre as duas parcelas. Acreditamos que enquanto durou o "segundo auge" da escravidão<sup>(16)</sup>, e os fazendeiros sulinos tiveram possibilidades de adquirir braço negro, seja por recurso direto à importação, seja trazendo-o de outros lugares do país<sup>(17)</sup>, a imigração espontânea de pequenos lavradores livres, vindo de Minas Gerais e do Nordeste, por exemplo, deve ter sido pouco numerosa, embora de alto significado social. Ela ficou de certo modo encoberta pela movimentação de escravos, mais fácil de descortinar, tanto para os contemporâneos, como para o estudioso de nossos dias. Por isso, nas reminiscências da época tem havido tendência a subestimá-la, embora todos concordem que a intensificação e diversificação das inversões na região, durante o último quartel do século XIX, começou a dar muita ênfase à procura de braços livres (por motivos que não vem a talhe analisar aqui). Depois de 1888, quando deixou de haver escravos, ainda assim não se concedeu às migrações de nacionais o realce estatístico a que fazem jús. E a imigração estrangeira, com maior repercussão aparente, também por

censitários, sendo de ressaltar que, segundo o Laboratório de Estatística do Conselho Nacional de Estatística (IBGE), os Censos de 1890 e 1900 estão provavelmente errados para menos, e o de 1920, errado para mais:

Censos	Média Nacional	Norte	Nordeste	Leste	Sul	Centro Oeste
1872/1890....	+41,7%	+ 43,1%	+21,9%	+42,1%	+79,2%	+ 45,1%
1890/1900....	+20,8	+ 45,9	+13,4	+13,6	+44,9	+ 16,5
1900/1920....	+76,9	+107,0	+74,3	+63,0	+99,3	+103,2

(16) O café terá provocado, segundo Roberto Simonsen (*História econômica do Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 206), a importação de mais de 250 000 escravos. De 1840 a 1850 é provável que tenham sido introduzidos no país mais de 50 000 africanos, por ano — conf. Caio Prado Júnior, *História Econômica do Brasil*, pág. 159.

(17) Um projeto de lei apresentado no Parlamento, em 1854, procurou proibir o tráfico inter-provincial de escravos.

sua vez a encobriu, relegando-a a um segundo plano, do que só emergiria no começo deste século. Foi, pelo menos, o que aconteceu em relação a São Paulo.

4. Das percentagens que precedem bem se pode deprender que as crescentes oportunidades do trabalho no Sul fizeram afluir ao Brasil várias centenas de milhares de trabalhadores estrangeiros, parcela de grande onda de emigrantes europeus, oriundos principalmente dos países ibéricos e mediterrâneos, que desde 1875 — 80 passaram a ocupar posição de relêvo, no movimento internacional de população para as Américas<sup>(18)</sup>.

Naturalmente, as melhores condições de comunicação, sobretudo desde que a navegação a vapor suplantou os veleiros<sup>(19)</sup> nas chamadas grandes rotas, foram elementos de capital importância dessas imigrações, bem como, entre outros fatores as facilidades crescentes de transporte ferroviário dentro de cada país (pondo em rápido contacto as regiões rurais com os portos, apressando as entregas de correio, etc). Esse mesmo progresso dos transportes deve ter ajudado, semelhantemente, no Brasil, o deslocamento dos trabalhadores nacionais, que respondiam ao apêlo da mais rápida promoção de riqueza nas Províncias, depois Estados, do Sul.

Mesmo sem correr o risco de exagerarmos o valor da estimativa antes apresentada, bem se pode imaginar o vulto tomado pelas migrações internas desde meados do século XIX, sendo que a percentagem de brasileiros nascidos numa Unidade, mas recenseados em outra, isto é, de “deslocados” (expressão que usaremos comumente no presente trabalho), veio aumentando em cada Censo. E se num Estado como o de São Paulo, até 1930, no registro do seu Departamento de Imigração e Colonização, as duas correntes — a alienígena e a nacional — ainda se emparelhavam, a partir dessa data, porém, com o

(18) Na terminologia dos sociólogos e demógrafos anglo-saxões é a chamada “migração nova”, na qual predominavam os italianos, e em que havia, também, forte participação de centro-europeus e russos (M. Carr — Saunders, *Población mundial*, ed. esp., pág. 49 *passim*; Dudley Kirk, *Europe's population in the interwar years*, pág. 79. No caso brasileiro, a corrente de emigrantes portugueses sempre foi, claro está, elevada.

(19) Por volta de 1885. Nesse ano, o maior navio em uso tem 8 000t; em 1900, 17 000t; em 1907, 38 000t... A velocidade passa de 7 para 15 nós/hora, nos últimos 25 anos do séc. XIX. O comprimento dos navios de grande tonelagem, passa de 65/70 met. para 210. A redução do tempo de viagem, aliada à maior segurança, ativou os canais de comércio, proporcionando mais rápida expansão à economia (e às exportações) americanas, o que por sua vez atraiu maior número de trabalhadores europeus. G. J. Isaacs, *Economics of Migration*, pág. 48-49. (Ver quadro na pág. seguinte).

acentuado decréscimo da imigração estrangeira<sup>(20)</sup>, o afluxo de trabalhadores nacionais passou a dominar inteiramente a cena. Dêsse modo as migrações internas para a nossa maior Unidade "imigran-tista" (em termos absolutos) se projetaram como quase única fonte para atender à maior procura de braços em novas ocupações, passando os empreendedores e as autoridades a prestar-lhe a maior atenção. O *Gráfico 1* exemplifica perfeitamente essa evolução.

5. Para as últimas décadas, os Censos atestam que o movimento migratório, aferido pelos seus saldos, desenvolveu-se mais intensamente que a população; os 3,4 milhões de "deslocados", em 1940, já eram 5,1, em 1950 (aumento de 49,3%), de sorte que não obstante o vigoroso crescimento demográfico nacional, que elevou o denominador, no cálculo do coeficiente, êsses resultados equivaliam respectivamente, a 8,5% e 10% do total de brasileiros natos.

Como há muitos anos, continua a evidenciar-se que a corrente de maior vulto é a que se encaminha do Leste e do Nordeste para o Sul, onde a indústria de transformação tem feito notáveis progressos e sucessivas zonas agrícolas pioneiras continuam sendo abertas à produção, tanto para o mercado exterior, como para um mercado interno em franca expansão.

Entretanto, as migrações no sentido rural-urbano tomaram ascendência sobre as demais. O processo de urbanização passou agora a uma fase muito intensa. E dos políticos e da imprensa aos homens de estudo, muitos são os que a êsse movimento para as cidades têm dedicado particular aplicação, crescendo de dia para dia a bibliografia que o focaliza de todos os prismas. A exemplo do ocorrido em outros países, a opinião pública dividiu-se em dois grupos: um, reagindo favoravelmente às migrações para as cidades; o segundo, reprovando-o. Repete-se, entre nós, o apaixonante debate que na Europa Ocidental e nos Estados Unidos foi travado, durante o século passado e comêço do atual<sup>(21)</sup>. A mesma expressão central: "êxodo rural" preside, do alto, êsses debates, em que se faz ouvir, com notável similitude, o mesmo tipo de argumentação<sup>(22)</sup>. São comuns as quei-

---

(20) Entre os anos da grande Crise e da última guerra mundial a imigração estrangeira não recobrou a antiga vitalidade.

(21) Na verdade, pode dizer-se que o debate é muito mais antigo, mergulhando suas raízes, com outra perspectiva, necessariamente, nas controvérsias travadas na velha Grécia, por exemplo, da qual chegaram até nós gritos de "falta de braços" e de que o campo estava sendo prejudicado pelas cidades...

(22) No programa de trabalhos do Conselho Interamericano Econômico e Social (O E A), para 1952-53, considera-se que "um dos problemas mais graves é o que se prende ao despovoamento dos campos", ficando resolvido estudar as

xas, acolhidas e reproduzidas em setores os mais diversos, de que o campo se "despovoava", queixas logo seguidas de ruins prognósticos, quanto ao futuro da produção agrícola, da saúde moral, senão mesmo física, da nação, etc. . .

6. Na verdade, porém, estamos muito longe de poder falar em "despovoamento", quando sabemos, pelos dois últimos Censos, que entre 1940 e 1950, o número absoluto de habitantes das regiões rurais brasileiras cresceu 17% <sup>(23)</sup> ou seja, mais intensamente que a população de todos os países europeus <sup>(24)</sup>. Uma coisa é, portanto, a ilusão de "despovoamento" e outra, bem diferente, a de uma desigualdade de crescimento — que essa, sim, está ocorrendo de maneira flagrante, pois no mesmo período a população das zonas consignadas como urbanas e suburbanas <sup>(25)</sup> aumentou cerca de 46%, como o resultado de se apurar um acréscimo médio, em todo país da ordem de 26% (*Quadro 1*).

Basta o confronto destas três percentuais para já ressaltar o ímpeto tomado pelas migrações internas, no sentido rural-urbano, como acabamos de frizar. Com efeito, sendo de supor que a população rural, também em nosso país, apresente uma natalidade mais elevada que a urbana <sup>(26)</sup>, e tudo levando a crer, embora a deficiência

---

suas causas e as medidas para "evitá-lo, ou atenuá-lo". Esta atitude, em tão alto escalão, é sintomática da persistência da incompreensão do processo de transformações econômico-sociais englobadas sob a designação geral de Revolução Industrial, a que nos ateremos no capítulo seguinte. Ouvimos, no Brasil, manifestações suas quase todos os dias, na imprensa, no rádio, no Congresso, nos púlpitos. Ainda recentemente, referindo-se ao problema das favelas, um alto dignatário declarava que "devemos antes, conservar na fonte, o migrante", em vez de cuidar dele na cidade. As citações seriam inúmeras.

<sup>(23)</sup> Correspondendo a uma taxa geométrica anual líquida de cerca de 15,6 por 1 000.

<sup>(24)</sup> Vejamos as taxas de incremento natural de alguns dêles, para o conjunto da sua população, em 1950-51: Holanda, 14,9 por 1 000; Portugal, 12,0; Espanha, 9,0; Itália, 8,8; França, 7,1; Suécia, 6,0; Inglaterra e Gales, 3,7. Fora da Europa, anote-se: Nova Zelândia, 15,1; Estados Unidos, 14,4; Austrália, 13,5. Apenas o Canadá, com 17,6, excedia essa média brasileira, entre os chamados países ocidentais, e exclusão feita das Repúblicas latino-americanas.

<sup>(25)</sup> Seguindo a conceituação da Lei 311, de 1938, o IBGE considera população urbana todo agrupamento que sirva de sede a um Município, ou a um Distrito, no primeiro caso com mínimo de 200 habitações, no segundo, com o mínimo de 30, cabendo-lhe a categoria de vila. As sedes municipais já existentes em 1938 passaram automaticamente a cidades, mesmo que tivessem menos de 30 habitações, e a distinção só começou a partir de então.

<sup>(26)</sup> "Onde quer que a observássemos, a diferença urbana-rural na natalidade mostrou tendência para aumentar até a terceira década do séc. XX. Há uma limitada evidência sugerindo que, desde então, ela vem diminuindo nos países cuja população de tipo urbano se tem expandido para subúrbios, fora das cidades propriamente ditas, e onde a mecanização da agricultura e a extensão da educação e das comunicações estreitou o hiato entre campo e cidade". *"Preliminary report on the world Social Situation"*, ONU, pág. 10.



das estatísticas de óbitos não o permita medir com precisão <sup>(27)</sup>, que no campo se está fazendo sentir a mesma tendência à baixa da mortalidade observada com nitidez nas cidades <sup>(28)</sup>, a considerável diferença no crescimento das nossas populações, urbana e rural, só pode ser explicada, realmente, pela transferência, para as cidades e vilas de um grande número de pessoas nascidas no campo <sup>(29)</sup>.

Se as cidades não estivessem absorvendo gente de fora, em tão elevadas proporções, como sintoma de crescentes oportunidades econômicas e de modificações sensíveis na tecnologia do país, é possível que talvez a nossa população, como um todo, não viesse a acusar o forte aumento que lhe conhecemos. Os recursos disponíveis de profilaxia e terapêutica, com possibilidades de largo e farto uso — aperfeiçoados em países de maior progresso, e de que tanto se beneficiam, hoje, os povos subdesenvolvidos, no combate às endemias — não bastariam, por si sós, provavelmente, a propiciar a queda geral da mortalidade entre nós havida. Esta teve a apoiá-la uma melhoria das condições ambientes, graças a um aumento da produtividade nacional, que se evidencia de maneira iniludível na vigorosa expansão das atividades urbanas.

---

(27) "Para o conjunto do Brasil, as falhas do registro de óbitos impedem o cálculo direto de taxas de mortalidade..." — *Pesquisas sobre a mortalidade no Brasil*, Estatística Demográfica n.º 19, pág. 3. Só se dispõe de registro de óbitos aceitáveis nas Capitais e em alguns núcleos de maior concentração demográfica do Interior, assim mesmo com flagrantes deficiências, principalmente em relação a óbitos de crianças. Essas deficiências vêm tendendo, entretanto, a ser eliminadas.

(28) "...a diminuição de mortalidade, observada inicialmente nas grandes cidades do Brasil, se está estendendo com notável rapidez também às zonas rurais..." *Pesquisa sobre a mortalidade no Brasil*, Estatística Demográfica n.º 20, pág. 50. Sobre a queda da mortalidade nas capitais, ver *Conjuntura Econômica*, fev. 1955, pág. 67/71. Destacaremos ainda para melhor compreensão do fenômeno, duas observações do citado *Preliminary on the world Social Situation*, a respeito do declínio da mortalidade nas cidades: "...quando as inovações tecnológicas e os níveis de renda em ascenso, associados com essas inovações, determinaram melhorias na habitação, nos serviços sanitários, hospitais e pesquisa médica, etc., a sua influência sobre as taxas de mortalidade foi sentida, principalmente, nas áreas urbanas ..." (pág. 13). Por outro lado: "A aplicação, (nas) áreas menos desenvolvidas, dos métodos modernos de controle de doenças — DDT, cloração das águas, antibióticos, etc. — bem como a ação de âmbito nacional e internacional contra a fome, permite rápidas reduções na mortalidade" (pág. 12). Neste caso está, certamente, o Brasil, em geral, e as suas regiões rurais, em particular.

(29) O Laboratório de Estatística do Conselho Nacional de Estatística (IBGE) avaliou em cerca de 2 743 000 o número de naturais das regiões rurais que se transferiram para os centros urbanos brasileiros (Ernani T. de Barros, *As migrações interiores no Brasil*, Revista Brasileira de Estatística, abr./jun. 1954, pág. 77/84).

O crescimento substancial da população brasileira, no último período intercensitário, é tanto mais impressionante, quanto o afluxo de estrangeiros, em 1941-50, foi o mais baixo de todos os decênios: entraram em nossos portos, nesses anos, apenas 130 327 estrangeiros com visto de "imigrante", alguns dos quais, naturalmente, regressaram ao país de origem, ou faleceram nesse ínterim. Ora, o aumento bruto da população recenseada, no mesmo espaço de tempo, excedeu 10,7 milhões de habitantes<sup>(30)</sup>, por terem os habitantes passado de 41,2 milhões (em 1 de outubro de 1940) para 52 milhões<sup>(31)</sup> (em 1 de julho de 1950), segundo o Serviço Nacional de Recenseamento.

7. As migrações internas, encaradas na diversidade de variáveis que lhes determinam o sentido, o número e a composição da massa deslocada, a periodicidade, etc. surgem como fenômeno bastante complexo. Não é nossa intenção entrar em considerações sobre a sistemática do seu estudo. Mas parece-nos proveitoso defini-las em seus grandes princípios, tais como no Brasil e em praticamente todos os países se apresentam.

Caberá então dividir este tipo de movimento de população em dois grupos fundamentais, segundo o seu caráter (a) temporário ou sazonal, e (b) definitivo, ou permanente. Está fácil de ver em que repousa tal divisão. No grupo (a) são incluídos os movimentos de trabalhadores<sup>(32)</sup> que, periodicamente, vão de uma região a outra,

Situação do Domicílio	Incremento natural aparente	Saldo migratório		Aumento entre 1940 e 1950 (*)
		Interior	Exterior	
(mil habitantes)				
A. Urbanos.....	1 939	1 820	40	3 799
B. Suburbanos.....	1 211	923	12	2 146
TOTAL (A+B.)	3 150	2 743	52	5 945
C. Rurais.....	7 600	-2 743	60	4 917
BRASIL.....	10 750	—	112	10 862

(\*) População de 1940 estimada em I. VII.

<sup>(30)</sup> Correspondeu a uma taxa anual de incremento de 23,8 por 1 000 hab., justificada pelo IBGE na base de uma natalidade provável de 43 por 1 000.

<sup>(31)</sup> Computando-se os Boletins de recenseamento que se extraviaram.

<sup>(32)</sup> Devem ainda ser considerados nessa categoria os deslocamentos de veraneantes e semelhantes.

mas por pouco tempo, geralmente durante uma estação do ano, para atender a tarefas específicas (as semeaduras, ou as colheitas, por exemplo), terminadas ou suspensas as quais, essas pessoas regressam ao ponto de partida inicial. São por sua própria natureza, de curta distância<sup>(33)</sup> (pelo menos nas condições brasileiras)<sup>(34)</sup> e pouco numerosos. No grupo (b) temos as transferências definitivas; os deslocados fixam residência fora da comuna natal, e são raros os que regressam; passam a contar, como produtores e consumidores, na estrutura econômica em que se radicam e à qual trazem uma contribuição multiforme de esforços. Por serem altamente seletivas, com predomínio de um dos sexos, conforme o caso, e de gente solteira, na flor da idade, quase sempre, as migrações permanentes têm influência muito sensível nas taxas de nupcialidade e nas estatísticas vitais, tanto nas regiões receptoras, como nas originárias.

Relativamente às direções fundamentais que as migrações internas podem tomar, distinguem-se quatro:

- a) das zonas rurais às zonas urbanas;
- b) das zonas rurais a outras zonas rurais;
- c) das zonas urbanas às zonas rurais
- d) das zonas urbanas a outras zonas urbanas;

Sem a menor dúvida, é a primeira aquela que tem maior significado no mundo moderno. Mas as quatro formas são simultâneas<sup>(35)</sup> dependendo apenas a intensidade da sua movimentação, de circunstâncias de lugar e tempo. Nos países em que, como no Brasil, o território é amplo e pouco povoado, o capital é escasso e alta a natalidade, novas terras estão sempre entrando em exploração, para substituir capitais que de outro modo seria necessário inverter, em maiores so-

---

(33) Nos EE.UU. há movimentos sazonais que devido às grandes facilidades de comunicações e ao vigor da sua economia chegam a cobrir consideráveis distâncias.

(34) É interessante assinalar como a marcação da data dos Censos pode coincidir com períodos em que esses movimentos sazonais estejam em pleno desenvolvimento, dêsse modo nos dando um registro distorcido da realidade. O fato do último recenseamento brasileiro ter ocorrido em 1 de julho transmitiu, que o saibamos, comprovadamente, uma alteração na imagem do Município baiano de Sto. Amaro, como em correspondência trocada com o dr. Thomaz Accioly Borges o Inspetor Regional do IBGE na Bahia, o sr. Arthur Ferreira, assinala. O Município em aprêço registra uma "migração de safra" muito apreciável, para as suas usinas de açúcar, a partir de setembro. Esses migrantes foram recenseados em 1940, mas não em 1950, fazendo crer que a população de Santo Amaro decrescera nesse período.

(35) Só muito raramente, e em curtos períodos, as migrações internas tomam essencialmente uma única direção. Os "gold rushes" podem enquadrar-se nesse conceito.

mas, a fim de sustentar o aumento dos habitantes e melhorar as condições de vida. Por tal motivo, o número de braços aplicados na agropecuária e nas indústrias extrativas simples — que nesses países são as atividades dos meios rurais — pode crescer em algarismos absolutos, processando-se movimentos migratórios de certa importância na direção rural-rural, de uma para outra região, às vezes em íntima associação, ou melhor diríamos, como compensação parcial, de

## QUADRO I

## AUMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, SEGUNDO A SITUAÇÃO E O LUGAR DO DOMICÍLIO

1940/1950

DISCRIMINAÇÃO	População Presente (1.000 habts.)		Aumento 1940/1950	
	1940 1-IX	1950 1-VII	Números Absolutos	Números Relativos %
BRASIL.....	41 236	51 944	10 708	26,0
SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO				
A. Urbano.....	9 190	12 958	3 768	41,0
B. Suburbano.....	3 690	5 825	2 135	57,8
TOTAL A + B.....	12 880	18 783	5 903	45,8
C. Rural.....	28 356	33 161	4 805	16,9
AGLOMERAÇÕES COM:				
Mais de 500 000 habitantes.....	2 908	4 832	1 924	66,2
100 001 a 500 000 habitantes.....	1 636	2 041	405	85,9
50 001 a 100 000 habitantes.....	803	1 613	610	100,9
10 001 a 50 000 habitantes.....	2 285	3 657	1 372	60,6
5 001 a 10 000 habitantes.....	1 217	1 782	565	46,4
2 001 a 5 000 habitantes.....		2 086		
Sede de Município ou Distrito com menos de 2 000 habitantes (*).....	4 031	2 772	827	20,5
Outros Centros pequenos e habitações esparsas.....	28 356	33 161	4 805	16,9

(\*) Consideradas aglomerações urbanas, segundo a Lei 311, de 1938, em vigor.

FONTE: SNR (IBGE).

movimentos rurais-urbanos com conseqüências sociais e econômicas mais profundas<sup>(36)</sup>.

As migrações da cidade para o campo apresentam-se de somenos importância; na maioria das vezes não chega a constituir-se, na verdade, uma corrente definida<sup>(37)</sup>.

Por fim, temos ainda as migrações entre zonas urbanas, que parecem nutrir-se, principalmente, na atual conjuntura brasileira, de transferências populacionais a partir de cidades menores, para os grandes centros do país<sup>(38)</sup>.

## (II)

1. Na sua essência, os movimentos de migração interna mal se distinguem das migrações internacionais<sup>(1)</sup>. Apenas, evidentemente, são mais livres de peias burocráticas; são mais espontâneas<sup>(2)</sup>. Talvez se possa admitir que, nelas, os fatores pessoais secundários, de caráter não-estritamente econômico, têm um pouco mais de relêvo que de ordinário<sup>(3)</sup>. Compreende-se que as migrações internas se beneficiam de maiores facilidades de comunicação<sup>(4)</sup> e, geralmente,

(36) Ao estudar as migrações para o Estado de São Paulo deparamos com deslocamentos compensatórios de trabalhadores de outras Unidades que vêm para a lavoura paulista, em substituição parcial de paulistas rurais deslocados para as cidades do próprio Estado. Vários autores têm analisado o fato, como se menciona em *The determinants and consequences of population trends*, pág. 107, nota 79: "Os habitantes da área que rodeia imediatamente uma cidade estão sempre fluindo para ela; os vazios deixados na população rural são preenchidos por migrações vindas de áreas mais remotas, e, passo a passo, a atração das cidades em expansão é sentida nos mais remotos cantos do país".

(37) Em época de crise, por exemplo, massas de trabalhadores urbanos desempregados regressavam ao campo, nos países industriais. Hoje em dia, a concessão de seguros de desemprego deve ter, praticamente, eliminado esse movimento deveras anormal.

(38) "Verificou-se que as cidades menores agem como estações intermediárias da migração rural-urbana" — *The determinants...* pág. 107, citando evidência na Dinamarca, Alemanha e União Soviética. No Brasil ainda não foram feitos estudos a seu respeito.

(1) "As causas de migração interna... não são essencialmente diferentes das da migração internacional..." — Warren Thompson, *Population Problems*, pág. 294, 4.<sup>a</sup> ed.. "As condições que impelem as pessoas a migrarem de uma região para outra, dentro de um mesmo país, são com freqüência inteiramente similares às que determinam as migrações internacionais". Ref. "The Determinants and consequences..." pág. 123. "Em geral, as causas das migrações internas não são fundamentalmente diferentes daquelas da migração internacional..." — *Causas e efectos del exodo rural*, OEA, pág. 11.

(2) "Muito mais fáceis que as migrações internacionais, elas são muito mais comuns... Não há necessidade de se pedir passaporte e permissão para estabelecer-se na nova residência, de passar por visita médica, ou exame probatório", etc... — Adolphe Landry, *Traité de Démographie*, 2.<sup>a</sup> ed. pág. 474.

(3) Warren Thompson, "Population problems", 4.<sup>a</sup> ed., pág. 294.

(4) Dudley Kirk, "Europe's population in the interwar years", pág. 152. Mas, naturalmente, em certos casos, máximo nas migrações de raia fronteira, as migrações internacionais podem contar, também, com facilidade de comunicação nada inferiores.

não implicam em quebra de costumes nacionais, nem necessidade de aprender outra língua, ou adaptar-se a outras formas políticas e legais.

O que os migrantes buscam, em ambos os casos, bem entendido, é melhorar suas condições de existência<sup>(5)</sup>. Pelo menos assim ocorre com a maioria. Ora, a semelhança entre os dois tipos de movimento resulta de que, em virtude das desigualdades do desenvolvimento econômico, as regiões de um mesmo país comportam-se, na escala nacional, como os vários países, na escala mundial<sup>(6)</sup>, oferecendo, umas, melhores oportunidades de trabalho e remuneração real, do que outras. São essas diferenças que concorrem para favorecer, de maneira decisiva, as migrações dentro das fronteiras nacionais. Revestem-se de particular importância quando se apresentam sob o aspecto da disparidade entre áreas de intensa urbanização e áreas rurais de economia retardada. E assim como podemos classificar os países em "emigrantistas", ou "imigrantistas", consoante a natureza do movimento migratório que nêles prepondera, também em praticamente tôdas as nações se assinalam regiões que recebem mais migrantes, ou pelo contrário, os cedem em maior número às demais.

2. Vejamos, a traços largos, como as transformações sócio-econômicas que se conhecem sob a designação geral de Revolução Industrial vieram intensificar o fenômeno migratório e lhe deram um novo condicionamento<sup>(7)</sup>. É notório que a intensificação do uso de energia mecânica acelerou um conjunto de modificações de significado histórico, nos processos e nas relações de produção, com o mais profundo reflexo na estrutura da sociedade. E ao criar uma consistente procura de mão-de-obra para as concentrações fabris, que foram sur-

---

(5) Um inquérito levado a efeito nos Estados Unidos ilustra o que todos os autores reconhecem: o mais importante motivo para migrar, declarado pelos deslocados, período agosto 1945/outubro 1946, ou foi o de mudar de emprego, ou procurar trabalho. Ver *Postwar migration and its causes in the United States*, pág. 1-4. Mais próximo do Brasil, o relatório de um estudo recente da OEA — *Exodo rural en Venezuela* — informa que, entre os que manifestavam desejo de emigrar, 33,2% declaravam que o faziam visando "melhores condições de vida" e outros 31%, a fim de "ter casa ou terreno próprio". Em Caracas, já entre imigrados, os pesquisadores registraram, num dos grupos entrevistados, 83% de respostas "para obter melhor soldo, ou remuneração" (pág. 70, 161, *passim*).

(6) "A desigualdade do desenvolvimento econômico, tão flagrante no cenário internacional, com suas diferenças de condições de vida e produtividade, manifesta-se, em escala reduzida, dentro dos próprios países. (*Conjuntura Econômica*, dezembro 1952, pág. 56).

(7) O presente capítulo, destinando-se apenas a complementar as páginas que o precedem, não tem a menor pretensão de enveredar por uma análise profunda das interações que definem esse "novo condicionamento".

gindo a cada passo e se desenvolviam com rapidez, a Revolução Industrial determinou um aumento assombroso da população<sup>(8)</sup> e do número das cidades, cujo complexo dispositivo de serviços (comerciais, bancários, administrativos, educacionais, sanitários, armazenagem e transportes, etc.) ampliou-se e diversificou-se mais, com o resultado de fazerem crescer, por sua vez, concomitantemente, as oportunidades de emprego. Pequenas vilas se transformaram em grandes cidades. Grandes cidades transbordaram para vilas e lugares vizinhos, que a certa altura, literalmente, absorveram<sup>(9)</sup>.

De fato, embora pela difusão e o aperfeiçoamento das máquinas estivessem sendo sempre substituídas operações manuais por mecânicas de alto rendimento, o certo é que se mantinha em ascenso o nível de ocupações remuneradas. A mola dessa evolução estava na dilatação dos mercados e no incremento da produção, que se destina a atendê-los. A longo prazo, a alternância de ciclos de emprego generalizado e ciclos de desemprego não impediu aquilo que as estatísticas de todos os países, que se industrializam, demonstram, exuberante: um espetacular aumento das tarefas e dos cargos<sup>(10)</sup>, graças aos quais vive uma população que é mais numerosa, e tem tendência a aglomerar-se em centros urbanos. Eis, o quadro geral.

(8) A população da Grã-Bretanha, exemplo clássico, durante o sec. XIX, passou de 11 a 38 milhões de habitantes, atingindo 43 milhões, em 1920. Tomando a Europa, sem distinção de países, e considerando que de uma ou outra forma se beneficiou com a Revolução Industrial antes dos outros continentes, temos, de 1800 a 1900, um salto de 187 para 401 milhões de habitantes, sem contar a emigração que povoou em grande parte as Américas, a Sibéria, a Oceania anglo-saxônica e a África do Sul. Cf: M. Carr — Saunders, "World population". De 1900 a 1950, o *Demographic Yearbook*, da ONU, 1949-50, certifica um aumento que colocou a população européia na casa dos 560 milhões.

(9) "De 1880 a 1940, a população urbana aumentou 90% na Inglaterra, 100% na Itália, e 180% na Alemanha..." Landry, *Traité de Démographie* 2.<sup>a</sup> ed. pág. 91.

(10) Observe-se, em relação aos Estados Unidos, por exemplo, o crescimento do efetivo de trabalhadores comparado com o crescimento da população, desde 1890 a 1940 (Dale Yoder, *Men power economics and labor problems*, 3.<sup>a</sup> ed. pág. 45).

	1890	1900	1920	1930	1940
Trabalhadores . . . .	100	128	183	214	240
População . . . . .	100	121	168	195	209

Para a Inglaterra e Gales, verificam-se os seguintes índices (Collin Clark, *The conditions of economic progress*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 408):

	1841	1861	1881	1901	1911
Trabalhadores . . . .	100	161	196	251	286
População . . . . .	100	126	164	204	227

3. Essa população fica mais numerosa, porque sobretudo reduz a sua mortalidade <sup>(11)</sup>. A Revolução Industrial não teve em toda a parte o mesmo ritmo, nem exatamente os mesmos efeitos, mas pode-se afirmar, numa generalização, que ela sempre traz consigo melhorias da produtividade que tornam possível dedicar somas cada vez maiores da renda nacional a uma ação mais direta sobre as condições do ambiente. A sociedade, coletiva e individualmente, passa a ter mais recursos para cuidar da sua saúde, como em nenhuma outra época o conseguira antes.

Primeiro, começam por ser aplicadas, em grande escala, medidas sanitárias simples, mas de importante efeito na modificação do quadro nosológico — como sejam a construção de rês de esgôto, o abastecimento da água potável, a maior limpeza nos centros urbanos, das casas e das pessoas, etc. <sup>(12)</sup> — que logo a curto prazo determinam uma queda na incidência de muitas doenças de alta letalidade <sup>(13)</sup>. Depois, com o progresso continuado da medicina <sup>(14)</sup> e das pesquisas

---

<sup>(11)</sup> Segundo Brownlee, citado por T. H. Marshall (*The population problem during the Industrial Revolution*, em *Essays in Economic History*, pág. 318), a mortalidade na Inglaterra e Gales caiu de 28,6 por 1000, em 1780, a 21,1 no período 1811-20. É certo que, depois, até 1870, se manteve em torno de 23, devido principalmente a ter-se agravado a mortalidade infantil nas grandes cidades. Mas desde essa data até 1920 voltou a descer, ficando em 12 por 1000. Progressos recentes têm favorecido mais a sobrevivência. No entanto, devido à elevada proporção de velhos na população inglesa — que nos está servindo de modelo — a taxa geral da mortalidade mantém-se agora relativamente estável.

<sup>(12)</sup> Serviços públicos de coleta de lixo iniciaram-se em Londres em 1948. Os esgotos dos bairros foram reunidos num sistema único em 1865, que acabou com a prática das fossas sanitárias. A purificação do abastecimento de água, por meio de filtros, começou em Paris, no despoitar do sec. XIX, e, em Londres, por volta de 1830. O resto da Europa só os conhecem de 1875 até fim do século. Ao mesmo tempo em que melhoravam as condições de saúde pública, também o uso do sabão se generalizou e aumentou a preocupação com a higiene pessoal (M. E. Sigerist, *Civilization and disease*, pág. 27). Alguns autores chamam também a atenção para a difusão da roupa interior de algodão, que permitiu mudas e lavagens mais frequentes (M. C. Buer, *Health, wealth and population in the early days of the Industrial Revolution*, pág. 196).

<sup>(13)</sup> Em resultado de melhorias no saneamento, a mortalidade pelo tifo, cólera e peste, desenteria, diarreia e enterite diminuiu a uma pequena fração dos antigos níveis. (A. Newsholme, *Evolution of preventive medicine*, pág. 132).

<sup>(14)</sup> Note-se que rebatendo pontos de vista de G. T. Griffith, (*Population problems of the age of Malthus*), Thomas Mckeown e R. G. Brown escreveram um excelente artigo, publicado em "Population Studies", novembro 1955, pág. 119/141, sob o título *Medical evidence related to english population changes in the eighteenth Century*, no qual afirmam, perentoriamente: "O declínio da taxa de mortalidade durante o século dezanove foi quase todo ele atribuível a modificações de ambiente, e pouco deve à terapia específica, seja preventiva ou curativa. Uma reserva fazemos, apenas a respeito da vacinação contra a varíola" (pág. 125). Mais adiante: "O declínio da mortalidade por outras doenças que não a varíola foi devido a melhoria nas condições de vida e a modificações na virulência e na resistência, sobre os quais o esforço humano não teve influência" (pág. 139).



voltadas para a saúde pública, a que devemos a descoberta de princípios como o da vacinação preventiva, para apenas citar uma importante inovação, acaba-se, dentro de poucas décadas, com o que restava das chamadas doenças pestilenciais,<sup>(15)</sup> as grandes ceifeiras de vidas, e muitas das doenças de massa.

O século XIX, por muito que pesem as dificuldades sentidas em alguns lustros, é uma seqüência de vitórias sócio-econômicas, no sentido da maior sobrevivência média dos povos que se adiantavam no caminho da industrialização. Nessa seqüência têm hoje os países menos desenvolvidos um espelho retroativo. E se uns quantos frutos desse progresso já antes haviam podido ser compartilhados, também, pelos povos que ficavam, historicamente, em situação de atraso, diga-se de passagem que, hoje, a perspectiva é mais do que nunca favorável a uma disseminação geral das medidas sanitárias, que tão eficazmente agem no sentido da redução geral da mortalidade. A esse respeito podemos mencionar os efeitos surpreendentes que é possível obter, por meio da aplicação de produtos derivados da alta tecnologia e renda dos países desenvolvidos, como os inseticidas de ação residual e os antibióticos<sup>(16)</sup>.

#### 4. Mas isto, quanto à mortalidade.

Na outra partilha do balanço vital, também a Revolução Industrial faz sentir a sua influência, pois ao fim e ao cabo a natalidade entra, igualmente, em declínio, acompanhando a tendência secular da mortalidade.

Evitaremos longas explicações sobre o fenômeno dizendo que essa queda, ocorrida em função das mesmas transformações que acompanham o desenvolvimento da moderna civilização industrial, parece atestar uma valorização qualitativa do Homem,<sup>(17)</sup> sobre a

<sup>(15)</sup> Distinguem os sanitaristas, — e a organização Mundial da Saúde, o reconhece — três grandes grupos de doenças: (a) *pestilenciais*, ou seja, varíola, peste bubônica, febre amarela, cólera, febre tifóide e semelhantes; (b) *de massa*, ou malária, sífilis, boubá, verminoses, tracoma, tuberculose, doenças gastro-intestinais e de nutrição; finalmente, c) *degenerativos*, ou câncer, doenças do aparelho cardíaco-vascular e certas doenças nervosas.

<sup>(16)</sup> A queda da mortalidade em Ceilão, de 20,3 para 12,1, entre 1946 e 1951, graças a intensivos programas de saúde pública, é um exemplo vivo, entre tantos outros, do que afirmamos.

<sup>(17)</sup> "O número se sacrificou, no processo de melhorar a... qualidade" (J. R. Hicks, *Estrutura de la economia*, 2.<sup>a</sup> ed. cap. pág. 56). A queda da natalidade tem dado lugar a longas contróversias. Pelo fato de acusar um movimento mais irregular e sujeito a oscilações bruscas, em curtos períodos, do que a mortalidade, a percepção de suas verdadeiras causas não tem sido clara. Chegaram-se a aventar as hipóteses mais absurdas, entre as quais a de que a nossa

propensão natural ao uso pleno da capacidade reprodutora, com que qualquer espécie procura sobreviver.

Ora, há uma notável defasagem entre os dois movimentos, declinando a mortalidade mais depressa que a natalidade<sup>(18)</sup>. Nas primeiras fases do processo, a população vive um período em que por ser menor o desgaste das gerações ampliam-se imenso os recursos de mão-de-obra. A menor fertilidade, traduzida pela baixa real da natalidade, começa a favorecer um aumento sensível da proporção que os adultos tomam no conjunto populacional,<sup>(19)</sup> tendência esta apoiada, igualmente, pelo declínio da mortalidade. Se, antes, a repartição

espécie possuía agora uma propriedade fisiológica menor para se reproduzir. É ponto assente que a queda da natalidade resulta de uma diminuição do tamanho da família. Vários fatores subjetivos, ou gerais, são apontados a essa mudança de atitude — a vinda de população do campo para a cidade, o desejo de melhorar o nível social e a posição econômica, própria ou dos filhos (mediante maior poupança), as alterações no estado e papel da mulher na sociedade, o aumento das despesas com a criação da prole, a restrição do interesse religioso, o próprio declínio da mortalidade, etc., — fatores estes cujo denominador comum é a crescente interdependência em que os indivíduos se encontram, nas sociedades industrializadas, restringindo e responsabilizando mais, tanto do ponto de vista coletivo, como individual, as decisões do chefe de família. Analisada nas suas oscilações de curto prazo, e sem prejuízo da tendência secular à baixa, mais ou menos firme desde fins de sec. XIX, vemos que a taxa da natalidade tem mantido alta correlação com as variações na constituição interna do capital: toda a vez que a parte do capital destinado a salários se reduz, em relação à que se aplica em meios de produção, a natalidade declina; quando ocorre o contrário, ela aumenta. Compreende-se facilmente que o nível da ocupação pode concorrer para adiantar, ou atrasar a taxa de nupcialidade, dando lugar a rarefação ou concentração de nascimentos em determinados anos, ou períodos. Ver: D. V. Glass, "Marriage frequency and economic fluctuations in England and Wales, 1851 to 1934", in "Political Arithmetic" pág. 266.

(18) A Revolução Vital, ou Demográfica, — na expressão de Dudley Kirk, — paralela às Revoluções Industrial e Agrícola, que estamos focalizando, processa-se, normalmente em três estágios: "(1) um período de taxas declinantes de mortalidade, com taxas constantes da natalidade e conseqüente elevação do incremento natural (rápido crescimento); (2) um período de continuados declínios nas taxas de mortalidade, com declínios paralelos na taxa de natalidade, mas com suficiente atraso para permitir uma larga margem de incremento natural (continuação do rápido crescimento); e (3) um período de lentos declínios nas taxas de mortalidade, continuados declínios nas taxas de natalidade e uma contração do incremento natural (crescimento lento)". — D. Kirk, *Europe's population...*, pág. 39. Ver, também, J. R. Hicks, *Estrutura de la economia*. 1.<sup>a</sup> ed. esp., pág. 53, em que se representa, gráficamente, a evolução do crescimento da população inglesa, ilustrando bem essas três fases. A noção de Revolução Demográfica deve-se a Adolphe Landry. ("Traité de Démographie" 2.<sup>a</sup> ed., pág. 387).

(19) Observem-se as diferenças estruturais entre populações, como as da Inglaterra, Suécia, Estados Unidos, que já tiveram ou estão em via de completar a Revolução Demográfica, e as das Filipinas, Brasil, México, apenas entradas na sua primeira fase: contra 21 a 27% de menores de 15 anos, 68 a 65% de pessoas dos 15 aos 64, e 11 a 8% de velhos com mais de 65 anos, estes últimos países apresentam, até os dias de hoje mais de 40% de 0 — 15 anos, apenas 75% entre 15 e 64 anos e, somente 3% com 65 e mais anos, (*Demographic Yearbook*, ONU).

de idades era tal que a relação entre maiores e menores de 15 anos, por exemplo, variava em torno de 1,5, durante esse período vemo-la passar, com persistência, a 2 e, depois, a 2,5 e 3,0.

Enquanto se dá essa evolução, as migrações interiores e as internacionais aumentam de intensidade. Já observamos que no conjunto de atividades que compõem a produção nacional se criam novas oportunidades, para as quais aflui o potencial acrescido de trabalho. De um lado, as regiões rurais, cujo coeficiente de reprodução persiste, durante algum tempo, mais elevado que nas regiões urbanas<sup>(20)</sup>, tendem a fazer crescer a sua população em ritmo acima da média do país, constituindo-se, por conseqüência, em um manancial de braços e energia humana. Do outro lado, a intensificação dos investimentos nos centros urbanos, onde se aglomeram serviços de toda a espécie — que reforçam a tentação subjetiva das cidades — estão sempre fazendo subir o número de empregos, acima das possibilidades da oferta de trabalhadores adveniente do saldo vital dos seus próprios naturais<sup>(21)</sup>. A conclusão de um movimento migratório é óbvia<sup>(22)</sup>.

5. Pode-se assistir, então, a uma curiosa concorrência: empregadores urbanos e rurais disputam entre si a disposição desses recursos de mão-de-obra. Isto porque, ao lado da velha economia agrícola de auto-subsistência, começa a desenvolver-se, nas regiões rurais, a produção de alimentos, em quantidade crescente, para atender aos trabalhadores que se transferiram para ocupações citadinas, e deixaram de produzir, em espécie, o que comer<sup>(23)</sup>. Note-se que também os campos são chamados, na mesma emergência, a satisfazer uma

(20) Cf. nota 26, do I Capítulo.

(21) Ao ensaio dos primeiros passos para a Revolução Industrial, era freqüente as grandes cidades (como Londres dos sec. XVII e XVIII) apresentarem anos seguidos de saldo vital negativo. Era a época em que as cidades eram "túmulos da população". E durante o sec. XIX, mesmo com saldos positivos, ainda por muito tempo foram "túmulos de crianças". O Capt. John Graunt, um dos primeiros pesquisadores da Demografia, já em meados do sec. XVII salientava o fato de Londres ter o crescimento da sua população assegurado pelas migrações (Citado por Mikhail Ptukha, *John Graunt, fondateur de la Démographie* (1620-1674) Anais do Congresso Internacional de População de 1937, pág. II, 67). Warren Thompson escreve, com muita propriedade, que "antes da Revolução Industrial, as cidades nunca haviam conseguido manter com vida um número suficiente de suas crianças para conservar o número total da sua população, já não falando sequer em crescimento" (*"Population problems"*, 4.<sup>a</sup> ed., pág. 295).

(22) "... Migração líquida interior é o conceito que mais se aproxima da idéia geral da transferência (de população) dos distritos rurais para os distritos e as ocupações urbanas".—Gunnar Myrdal, *Industrialization and population*, em "Essays in honour of Gustav Cassel", pág. 443.

(23) É a expansão do mercado interno de alimentos, que integra a agricultura do país na economia monetária nacional.

procura maior de matérias-primas agropecuárias. Naturalmente, o empresário agrícola entregou-se, de princípio, à exploração apertada do atraso e das relações de dependência pessoal, ou familiar, que tinham por base a estratificação de classes legada pelas civilizações antiga e medieval, — com suas prestações de trabalho gratuito, ou quase, os seus regimes de colonato e as suas “parcerias” leoninas<sup>(24)</sup>. Mas, depois, teve que ir mais longe: teve de racionalizar, por sua vez, os processos de produção, incorporando progresso tecnológico e adaptando-se, perfeitamente, aos sistema de pagamento do trabalho pelo salário.

Na disputa com o empregador urbano, o rural levou, todavia, desvantagem, impotente para “fixar” os seus empregados e evitar o “Êxodo”... Na cidade, os empreendimentos industriais e os serviços propiciavam à mão-de-obra de origem rural salários mais altos e melhores condições de trabalho, a que, em anos recentes, após significativas vitórias sindicalistas e na sequência de uma política contemporizadora,<sup>(25)</sup> de cunho reformista, fomentada por importante setor do patronato, vieram se acrescentar outros benefícios reais<sup>(26)</sup>. Assim se tem mantido constante a captação de braços camponeses, ao passo que o empregador rural, desafiado sempre — quando persiste! — a aumentar ainda mais o rendimento dos fatores terra e trabalho, intensifica, também, a aplicação de aperfeiçoadas máquinas às lides agrárias, elevando o seu capital fixo. Não há, a longo prazo, um só exemplo de reversão dessas tendências, que indicamos em suas linhas gerais. Todos os países presenciaram, ou presenciam agora, com pequenas variantes, a mesma evolução.

6. Na formulação que aceitamos para os movimentos de migração interna, cabe às diferenças regionais de produtividade o papel

---

(24) Como temos focalizado amiúde o exemplo clássico inglês, deveremos recordar aqui, tanto para o interesse dos empresários agrícolas como dos industriais, a importância de formas particulares de disposição da mão-de-obra, como seja a expulsão de pequenos lavradores, provocada pelo movimento da formação das tapadas (“enclosures”).

(25) Os primórdios dessa conduta política datam de meados do sec. XIX e seguiram-se-lhes várias reformas que no último quartel desse século reduziram a jornada do trabalho, garantiram e definiram melhor o direito ao repouso semanal, regulamentaram o trabalho de menores e mulheres, etc. Medidas legislativas também foram adotadas visando melhorar a habitação e a saúde dos trabalhadores urbanos.

(26) Sem dúvida, a proteção dispensada pela legislação trabalhista, as medidas de previdência social e o reconhecimento de níveis de mínimo vital, mínimo social ou salário mínimo, sobressaem entre esses benefícios, sobretudo quando introduzidos, por antecipação, em países que mal iniciaram a sua industrialização, como no caso do Brasil.

de determinante fundamental<sup>(27)</sup>. Não queremos, porém, tomar o problema em termos excessivamente rígidos. Há todo um conjunto de considerações menores, que têm de estar presentes ao tentar-se um estudo desta natureza, sob pena de perdermos a visão ideal do fenômeno, pois não faltam imprecisões no conhecimento, que por vêzes confundem até hipóteses aparentemente bem assentes.

Mas posta a questão nos termos em que a temos focalizado, torna-se desnecessário explicar porque não queremos entrar em minúcias quanto à importância de "fatores de repulsão" e outros derivativos, aos quais certa literatura entre nós consagrada ao tema das migrações dá sempre guarida, com a melhor das boas vontades, satisfazendo-se por completo com êsse único aspecto do problema<sup>(28)</sup>. Pelas ilações a tirar do processo referido em esquema, nos parágrafos precedentes, deve-se acentuar que o estudo das migrações tem de alçar-se a uma ampla perspectiva de conjunto. Claro que ao ficarmos mais atentos aos motivos que através a criação de mais e melhores ocupações são decisivos no encaminhamento, para as cidades, de parcelas crescentes de uma população, que começou a ter maior sobrevida, estamos admitindo, de maneira implícita, o empobrecimento relativo de certas regiões (como de certos países). Impõe-se sempre compreender, por consequência, as condições prevaescentes nessas últimas áreas, que estão geralmente associadas ao emigrantismo, ou, pelo menos, contribuem mais fortemente para os movimentos de emigração. Por outras palavras, frizemos que a balança tem dois pratos: se as desigualdades de capitalização e de renda fazem valer incentivos ao afluxo de trabalhadores para os pontos de oportunidades relativamente melhores, daí não se segue que, no outro extremo, o seu reflexo seja de mera passividade, em face dessa atração.

Ademais, o empobrecimento relativo pode ter a reforçá-lo várias obstruções naturais ou sociais à sustentação de um ritmo de desenvolvimento econômico idêntico ao das áreas ditas do progresso<sup>(29)</sup>.

(27) "... Em geral, as correntes de migração dentro dos países, do mesmo modo que as de migração internacional, partem de áreas de inferior oportunidade econômica para áreas de superior oportunidade econômica..." Ref: "*Determinants and consequences...*" pág. 106. Em "*Population Problems*", 4.<sup>a</sup> ed., pág. 309, diz Warren Thompson: "...o volume da migração e a sua direção são determinados, primordialmente, pelas diferenças econômicas entre comunidades"... "as pessoas, geralmente, movem-se de regiões de baixos rendimentos (salários) para regiões de maiores rendimentos".

(28) Entre êsses "fatores de repulsão", que na ótica de certos autores explicam todo o processo migratório, as sêcas periódicas do Nordeste são tema obrigatório.

(29) Sobre a conceituação de área, região, ou país subdesenvolvido várias citações podíamos fazer. N. S. Buchanan e H. S. Ellis, em *Approaches to*

A escassez de recursos naturais, por acaso geográfico ou exaustão, os entraves à exploração socialmente útil das terras, provocados por regimes anacrônicos de propriedade, ou a fragmentação excessiva da gleba, são motivos que podem concorrer para retardar o desenvolvimento<sup>(30)</sup>. De particular importância será, também, sobretudo nos dias de hoje, a circunstância de nas regiões mais atrasadas se elevar, aceleradamente, a taxa de incremento natural de suas populações, exigindo um consumo maior das disponibilidades, com sacrifício de investimentos indispensáveis para garantir um alto ritmo de desenvolvimento econômico<sup>(31)</sup>.

Enfim, sob mil aspectos se apresentam as diferenças que concorrem para rotular de pobreza uma região. Mas mais uma vez acentuaremos que não conduz senão a um impasse dar-se maior ênfase aos "fatores repulsivos" das migrações, sugeridos por essas diferenças, pois o fato dos homens quererem sair de um lugar torna imprescindível, para se transformar em movimento, que eles tenham aonde ir! Naturalmente, a aventura apenas seduz uns poucos; e o desespero não basta para suscitar, por si só, a continuidade de amplos deslocamentos de indivíduos isolados e de famílias<sup>(32)</sup>. Na história dos movimentos internacionais de população é ponto passivo a associação íntima dos fluxos migratórios com os ciclos econômicos dos países

---

*economic development*", pág. 6-7, apresentam um bom resumo dos critérios de comparação, por intermédio dos quais podemos medir e apreciar as diferenças que definem o subdesenvolvimento. Entre as publicações das Nações Unidas, que abordam o tema, queremos destacar: *Medidas para el desarrollo economico de las naciones subdesarrolladas*.

(30) Do mesmo modo que "intensificam o impulso para deixar a terra", Cf: *The determinants and consequences...* pág. 133.

(31) Taxas de incremento natural da ordem de 2,4% ao ano, como a do Brasil, são hoje relativamente comuns, nos países subdesenvolvidos. Recordamos que para manter o mesmo nível de vida, numa população animada desse ritmo, se torna necessário investir pelo menos 7% da renda nacional.

(32) A experiência mostra que nem mesmo as populações mais abandonadas à sua sorte, emigram na previsão dos grandes flagelos. Quase sempre resistem *sur place*, até ao último esforço, o que até época recente se traduzia numa imensa mortandade por inanição, em certas regiões do globo, cujos habitantes viviam, ou vivem no nível mínimo de subsistência. Hoje em dia, as medidas de emergência, nacionais e internacionais, quando se pode dispor de facilidades para rápido transporte, de alimentos e outros recursos de socorro, impedem ou restringem a consumação da catástrofe. E de deslocamentos acidentais — que exatamente por serem maiores essas facilidades de comunicação podem agora assumir, sob o impacto do flagelo, consideráveis proporções — fazem-se de volta aos seus pontos de origem, se motivos de outra natureza, *independentes das condições locais da área flagelada*, não sustiverem a continuidade da migração; para regiões "imigrantistas", portanto.

imigrantistas,<sup>(33)</sup> engrossando nas suas fases de prosperidade, diminuindo nas de depressão. Respeitamos o dever de evitar grandes formulações, mas sem resistir à comparação, talvez um pouco forçada com o mecanismo dos ventos, diremos, em todo o caso, que a força e a direção dos movimentos migratórios parecem determinadas na razão inversa das diferenças entre áreas de alta e baixa procura efetiva de mão-de-obra entre áreas de maior ou menor produto por unidade de capital. Esta definição cobre, por certo, a parte mais característica do fenômeno.

7. Para finalizar, sob o risco de nos estendermos demasiadamente, ouçamos um demógrafo da experiência de Dudley Kirk, que depois de haver estudado as migrações para as cidades européias, associadas à integração da tecnologia modernas pelas populações do Velho Ocidente, põe-nos de sobreaviso com a seguinte frase:

“Uma dificuldade comum na análise da migração rural-urbana reside na incapacidade de se fazer distinção entre as situações específicas, que determinam o incentivo imediato à migração, e o quadro cultural mais amplo — condição necessária de um movimento rural-urbano substancial”<sup>(34)</sup>.

E definindo melhor o seu pensamento, êle ensina, adiante:

“As numerosas tentativas de generalizar os motivos para migração partindo do estudo de áreas especiais deixam inevitavelmente de lado o fato de que a migração rural-urbana é um fenômeno universal na Europa Ocidental e Central. O êxodo rural verificou-se nos mais variados e contrastantes sistemas agrícolas. As grandes fazendas da Alemanha Oriental e da Hungria perderam muitos de seus trabalhadores e “deputatistas”<sup>(35)</sup> para as cidades. Contudo, as pequenas propriedades da Galícia e as propriedades médias da Suécia também forneceram suas quotas. Não existe nítida distinção, quanto à migração entre as áreas de primogenitura e as de herança dividida. Houve forte migração rural-urbana nas regiões de arren-

---

(33) H. Jerome (*Migration and business cycles*) demonstra, claramente, como a imigração para os Estados Unidos estêve dominada, nas suas flutuações, pelas condições prevaescentes nesse país. Quando os ciclos não coincidiram, nos Estados Unidos e no país emigrantista, o registro estatístico mostra bem a alta correlação das migrações com a atividade econômica nos Estados Unidos (pág. 54/136). Isso, desde 1820! Ver, também, D. Kirk, “Europe’s population...”, pág. 74 *passim*).

(34) D. Kirk, “Europe’s population...”, pág. 148. Por “quadro cultural mais amplo” entenda-se a situação tecnológica geral do país.

(35) “Deputatista” é a designação dada a um tipo de empregado agrícola pago em bens de subsistência.

damento, como a Inglaterra e o Sul da Itália, mas também nas de camponeses proprietários. Correntes migratórias para as cidades se formaram constituídas por lavradores das terras pobres da Escócia, Finlândia Central e dos Vales dos Apeninos, na Itália. Em maior número ainda, porém, vieram eles das terras mais ricas da Europa: o Vale do Pó, as planícies húngaras e as margens baixas do Reno. Ocorreram grandes movimentos migratórios de áreas de agricultura primitiva, com técnica deficiente e pequena capitalização, mas igualmente se mostraram susceptíveis à atração das cidades os agricultores das áreas de mais alta capitalização da Europa, tais como a Dinamarca, a Holanda e a Suíça" (36).

8. Vemos que não há, propriamente, um motivo central, insistente, de "repulsão" dos emigrantes. As regiões rurais mais variadas concorreram para intensificar o movimento migratório, que teve, sim, nas oportunidades de trabalho e na maior disposição de serviços nas cidades o seu fator comum, sem prejuízo da influência temporária de períodos de boas ou más colheitas e outras mudanças de curto prazo, nas condições econômicas do lado emigrantista, que se exercem em segundo plano (37).

O aceleração das migrações internas, com o especial relêvo que lhe dão as transferências para o meio urbano, é, em suma, uma ocorrência de ordem histórica, que se verifica em tôdas as nações que realizam a sua Revolução Industrial (38). Os conceitos de Dudley Kirk podem ser aplicados a outras regiões que foram a passos largos adquirindo a técnica européia, — como os Estados Unidos, o Japão, o Canadá, a Austrália, etc. E o Brasil, naturalmente, não lhes fugirá, porque, ... "sem o êxodo rural para cidades e fábricas, as conquistas da civilização moderna teriam sido impossíveis" ... (39)

9. Em relação às condições brasileiras, temos a acrescentar que as diferenças regionais vêm fazendo persistir, já dissemos, paralelamente aos deslocamentos cada vez mais freqüentes de habitantes rurais para as ocupações urbanas, — tão variadas e em constante aumento, — a influência exercida pela abertura de novas terras, cujo

---

(36) D. Kirk, "Europe's population...", pág. 148.

(37) No Brasil, é-se logo levado a pensar nas secas periódicas do Nordeste, que assolam também extensões da bacia do São Francisco, causando grande perturbação em todos os setores da atividade de uma população que vive em quase absoluta dependência da agricultura.

(38) "Em todos os países onde teve lugar uma rápida expansão da indústria manufatureira e do comércio, ocorreram migrações em larga escala, do campo para as cidades". — Cf. "The Determinants...", pág. 109.

(39) D. Kirk, "Europe's population...", pág. 72



rendimento inicial é altamente compensador. O fenômeno explica-se pela ampliação da "fronteira" econômica, sob o aguilhão de certas lavouras valorizadas que se destinam ao mercado exterior, ou procuram, simplesmente, o abastecimento das cidades e das indústrias, com alimentos de grande consumo e matérias-primas. O primeiro tipo, de corrente migratória rural-urbana, está animado de um ritmo mais forte de crescimento. No entanto, a corrente rural-rural, que é mais irregular, mostra-se, por vêzes, muito intensa, se bem que acabe contribuindo para reforçar, em grande parte, movimentos do primeiro tipo. É perfeitamente natural que ainda por bastante tempo ela seja notada neste país, de tão vasto território<sup>(40)</sup> e tão pequena densidade. Não deveremos, porém, tomar a afirmativa como regra absoluta; tudo depende, em última análise, das transformações tecnológicas e do grau de produtividade que fôr alcançado, no futuro, pela nossa população<sup>(41)</sup>.

---

(40) A vastidão do território brasileiro constitui, naturalmente, um fator geográfico ponderável. A variedade de oportunidades econômicas num país grande é provavelmente maior do que num país pequeno e, daí as migrações internas terão nele um maior estímulo.

(41) Haja em vista o exemplo da Austrália.

## SUMMARY

*The Brazilian population has always shown a great space mobility. Each great cycle of pioneering in the colonization period had migrations of greater or lesser intensity.*

*When the income from the mines started running low the coffee plantation began to expand determining a population movement compared to that one of the mines cycle.*

*The modern internal population movements in Brazil can be best studied if one begins from the movements determined by the expansion of coffee plantations.*

*The geographic distribution of the migration balances is approximately the same today as it was in 1872.*

*The population growth has been smaller than the migration balances in the last decades. From 1940 to 1950 the migration balances increased by 49%, representing 8.5%, and 10% of the Brazilian population in those years.*

*The orientation of the internal population movements has been from the East and Northeast to the South. From another point of view the movement from rural zone to cities been the most important. Notwithstanding rural population has increased by 17% from 1940 to 1950 (more than the growth of all European population in the same period). The influence brought by the opening of new lands, where highly priced agriculture products are cultivated has also been very important as to the direction of population movements in certain periods.*

## RÉSUMÉ

### MIGRATIONS INTERNES AU BRÉSIL

*La grande mobilité spatiale de la population brésilienne, trait dominant de sa formation, est restée présente tout au long de son histoire.*

*Dans notre pays dont la formation, comme dans toute nation américaine, commence à l'aurore des Temps Modernes, l'importance de ces mouvements de population a été très accentuée. Grâce à eux un territoire aussi vaste a pu être occupé, et les potentiels économiques ont pu être développés. Ainsi à chacun des grands cycles de défrichements du Brésil Colonie ou peut associer des migrations de plus ou moins grande importance.*

*Le mouvement de la population de l'Etat de Rio vers São Paulo et les terres "roças" au moment de la préparation des grandes cultures de café, mouvement qui a diminué le rendement de l'industrie minière peut en être donné comme exemple. Ce mouvement au début du XIXème siècle fut l'aspect le plus significatif du reflux des efforts vers l'agriculture orientée vers les produits destinés aux grands marchés. Ce renouveau se fit sentir en divers points du pays, tout d'abord par le nouvel essort de la culture de la canne à sucre, du tabac, du coton etc. . . . , ensuite par cette "véritable fièvre de planter le caféier" créée par les bénéfices importants que produisait cette rubiacée.*

*Le point de départ le plus indiqué pour l'étude des migrations modernes à l'intérieur du Brésil est celui des déplacements de population qui furent occasionnés par l'expansion de la culture du café et le contrôle d'autres productions agricoles.*

*Par manque ou méconnaissance de données statistiques ceux qui ont étudié ce problème n'ont pu traiter la question à fond.*

*Or, d'après le recensement de 1872, la distribution géographique des soldes migratoires apparents était déjà sensiblement identique à celle fournie par les deux derniers recensements. Les provinces du*

*Sud et du Centre Ouest accusaient des gains substantiels, dans celles du Nord le nombre des immigrants égalait celui des émigrants, dans le Nord Est et l'Est il y avait de fortes différences négatives.*

*Ce mouvement migratoire était composé, évidemment, jusqu'à la loi Aurea d'une part d'esclaves et d'autre part de travailleurs indépendants; il n'est pas facile de distinguer entre ces deux fractions. Nous croyons que tant que dura "second apogée" de l'esclavage, et que les agriculteurs sudistes eurent la possibilité de se procurer une main d'oeuvre noire, soit par recours direct à l'importation, soit en l'amenant d'autres régions du pays, l'immigration spontanée des petits travailleurs libres, venus du Minas Gerais et du Nord Est, par exemple, a dû être peu nombreuse. Cette immigration spontanée n'en avait pas moins une grande importance sociale.*

*Dans les dernières décades, les recensements attestent que le mouvement migratoire, mesuré par ses soldes, se développa avec plus d'intensité que la population: les 3,4 millions de "déplacés" en 1940 étaient déjà 5,1 millions en 1950 (augmentation de 49,8%); de sorte que malgré le vigoureux accroissement démographique national qui élève le dénominateur dans le calcul des coefficients, ces résultats correspondaient respectivement à 8,5% et 10% du total des brésiliens nés.*

*Comme il y a de nombreuses années, il continue à être évident que le courant le plus grande importance est celui qui se dirige de l'Est et du Nord Est vers le Sud, où l'industrie de transformation a fait de notables progrès, et où de nouvelles zones agricoles "pionnières" continuent à être ouvertes à la production, tant pour approvisionner le marché extérieur qu'un marché intérieur en libre expansion.*

*Cependant les migrations dans le sens rural-urbain prirent l'ascendant sur les autres. L'urbanisme connut alors une phase très intense.*

*En réalité nous sommes très loin de pouvoir parler de "dépeuplement" quand nous savons par les deux derniers recensements que, entre 1940 et 1950, le nombre absolu des habitants des régions rurales brésiliennes s'est accru de 17%, accroissement qui surpasse celui de tous les pays européens.*

*Si les villes n'avaient pas absorbé les gens du dehors dans des proportions aussi élevées, symptôme de possibilités croissantes de l'économie, et de modifications sensibles dans la technologie du pays, il est possible que notre population, considérée comme un tout, n'eût*

peut être pas accusé l'augmentation que nous lui connaissons. Les ressources disponibles de la prophylaxie et de la thérapeutique avec la possibilité d'un large et abondant emploi — ressources perfectionnées dans les pays où le progrès est plus avancé, et dont bénéficient tant aujourd'hui les peuples sous-développés dans le combat des épidémies — ne suffiraient probablement pas à elles seules à favoriser la baisse de mortalité dans notre pays. Il faut appuyer cette baisse par l'amélioration des conditions de vie, grâce à l'augmentation de la productivité nationale, amélioration dont la nécessité est évidente dans la vigoureuse expansion des activités urbaines.

L'accroissement substantiel de la population brésilienne dans la période située entre les deux recensements est d'autant plus impressionnant que l'afflux des étrangers entre 1941 et 1950 a été le plus faible de toutes les périodes décennales.

Les directions de migrations internes peuvent prendre quatre aspects différents:

- a) des zones rurales vers les zones urbaines
- b) des zones rurales vers les autres zones rurales
- c) des zones urbaines vers les zones rurales
- d) des zones urbaines vers les autres zones urbaines

Sans aucun doute c'est la première qui est la plus importante dans le monde moderne. Mais ces quatre migrations sont simultanées, l'intensité de leur mouvement dépendant seulement de circonstances de lieu et de temps. Dans le pays où comme le Brésil le territoire est vaste et peu peuplé, le capital insuffisant et la natalité élevée, de nouvelles terres sont toujours mises en exploitation pour remplacer des capitaux qui sans cela il serait nécessaire d'investir en plus grande quantité afin de soutenir l'augmentation des habitants et d'améliorer les conditions de vie. Pour ce motif, le nombre de bras utilisés dans l'agriculture et l'élevage et dans les industries extractives simples — qui dans ce pays sont les activités des milieux ruraux — peut croître en chiffres absolus, en procédant à des mouvements migratoires d'une certaine importance dans la direction rurale rurale d'une région vers une autre, parfois même en association intime, ou mieux encore en compensation partielle avec des mouvements ruraux urbains, avec des conséquences sociales et économiques plus profondes.

Dans leur essence, les mouvements de migration interne se distinguent mal des migrations internationales. A peine évidemment sont-ils plus libre d'entraves bureaucratiques, et sont-ils plus spon-

tanés. Sans doute on peut admettre que, dans les migrations internationales, les facteurs personnels secondaires, de caractère non strictement économique, ont un peu plus de relief que d'ordinaire. On comprend que les migrations internes bénéficient de plus grandes facilités de communication et, généralement n'impliquent pas une rupture avec les coutumes nationales, ni la nécessité d'apprendre une autre langue ou de s'adapter à d'autres formes politiques et légales.

Ce que les gens qui se déplacent cherchent dans les deux cas, bien entendu, c'est une amélioration de leurs conditions d'existence.

Avec la Révolution Industrielle, l'intensification de l'utilisation de l'énergie mécanique a accéléré un ensemble de modifications d'importance historique dans les procédés et les rapports de production, et a eu un très profond reflet sur la structure de la société. La Révolution Industrielle a déterminé une augmentation surprenante de la population et du nombre des villes en créant un constant besoin de main d'oeuvre pour les concentrations industrielles qui ont surgi à chaque pas et se sont développées avec rapidité. Dans ces villes un dispositif complexe de services (commerciaux, bancaires, administratifs, d'éducation, sanitaires, magasinage et transports etc. . . . .) s'est amplifié et diversifié ayant pour résultat de faire croître en même temps les occasions d'emploi. Des petites villes se transforment en grandes cités. De grandes cités débordèrent sur les bourgs et lieux voisins et parfois les absorbèrent littéralement.

Cette population demeure très nombreuse surtout parce qu'elle réduit sa mortalité. La Révolution Industrielle n'a pas eu partout le même rythme ni exactement les mêmes effets, mais en généralisant on peut affirmer qu'elle apporte toujours avec elle des améliorations de la productivité qui rendent possible l'attribution de sommes chaque fois plus grandes du revenu national à une action plus directe sur les conditions du milieu ambiant. Plus qu'à toute autre époque la collectivité et l'individu ont les moyens de prendre soin de leur santé.

Sous l'aspect du bilan de la vie humaine, la Révolution Industrielle a fait sentir aussi son influence, puisqu'à la fin, la natalité entre également en déclin accompagnant la tendance séculaire de la mortalité.

Or, il y a un déphasage notable entre les deux mouvements, la mortalité déclinant plus vite que la natalité. Dans les premières phases du phénomène, la population traverse une période dans laquelle s'amplifie énormément les ressources en main d'oeuvre bien que soit moindre l'évolution des générations. La fertilité plus faible

*traduite par une baisse réelle de la natalité commence à favoriser une augmentation sensible de la proportion prise par les adultes dans l'ensemble de la population, tendance accentuée également par le déclin de la mortalité.*

*Pendant que se fait cette évolution, les migrations intérieures et internationales augmentent d'intensité. Nous observons maintenant que dans l'ensemble des activités qui composent la production nationale se créent de nouvelles opportunités vers lesquelles afflue le potentiel accru de travail. D'une part les régions rurales, dont le coefficient de reproduction persiste durant quelque temps plus élevé que dans les régions urbaines, tendent à faire croître leur population à un rythme supérieur à la moyenne du pays, constituant ainsi une source abondante de main d'oeuvre et d'énergie humaine. D'autre part l'intensification des investissements dans les centres urbains où s'agglomèrent les services de toute espèce — qui renforcent l'attrait exercé par les villes — continue à faire augmenter le nombre des emplois au dessus des possibilités d'offre de travailleurs résultant du "solde vital" de ses propres naturels. La réalisation d'un mouvement migratoire est nécessaire.*

*Dans les règles que nous acceptons pour formuler les mouvements de migration interne le rôle de cause déterminante fondamentale échoit aux différences régionales.*

*Enfin sous mille aspect se présentent les différences qui concourent à déterminer la pauvreté d'une région. Mais en donnant aux "facteurs répulsifs" des migrations — facteurs inspirés par les différences régionales — une importance exagérée, une fois de plus nous sommes conduits à une impasse. Pour que le désir des hommes de quitter une région puisse se matérialiser, il faut qu'ils puissent aller quelque part. L'aventure en séduit quelques uns seulement et le désespoir ne suffit pas à lui seul à susciter la continuité d'amples déplacements d'individus isolés et de familles. Dans l'histoire des mouvements internationaux de populations le point passif résulte de l'association intime des flux migratoires avec les cycles économiques des pays d'immigration, augmentant dans les phases de prospérité de ces pays, diminuant dans les phases de dépression. Nous éviterons les grandes formules, mais sans pouvoir résister à une comparaison, peut être un peu forcée, avec le mécanisme des vents. Nous dirons, en tout cas, que la force et la direction des mouvements migratoires paraissent déterminées en raison inverse des différences entre les zones de haute et basse recherche effective de main d'oeuvre,*

entre les zones de plus grande ou plus petite production par unité de capital. Cette définition, certainement, la partie la plus caractéristique du phénomène.

L'accélération des migrations internes, avec le relief spécial que lui donnent les transfèrements vers le milieu urbain est en somme un évènement d'ordre historique qui se vérifie dans tous les pays qui réalisent leur Révolution Industrielle. Les concepts de Dudley Kirk peuvent être appliqués à d'autres régions qui acquièrent rapidement la technique européenne — comme les Etats Unis, le Japon, le Canada, l'Australie etc. . . . , et le Brésil, naturellement n'y échappera pas, parce que,

.... "Sans l'exode rural vers les villes et usines les conquêtes de la civilisation moderne auraient été impossibles" . . . .

Au sujet des conditions brésiliennes, nous devons ajouter que les différences régionales rendent continuelle l'influence exercée par l'ouverture de nouvelles terres dont le rendement initial est hautement compensateur, ceci parallèlement, comme nous l'avons déjà dit, aux déplacements chaque fois plus fréquents des habitants ruraux vers les emplois urbains si variés et en constante augmentation. Le phénomène s'explique par l'élargissement de la "frontière" économique, stimulé par certaines cultures très valorisées qui se destinent au marché extérieur, ou recherchent simplement l'approvisionnement des villes et des industries en aliments de grande consommation et matières premières. Le premier type de courant migratoire rural urbain est animé d'un rythme d'accroissement plus fort. Cependant le courant rural qui est plus irrégulier se montre parfois plus intense si bien qu'il finit par contribuer à renforcer en grande partie des mouvements du premier type. Il est parfaitement naturel que, pour assez longtemps encore, il soit noté dans ce pays au territoire si vaste et à la densité si faible. Nous ne devons pas toutefois prendre cette affirmation pour règle absolue; tout dépend, en dernière analyse des transformations technologiques et du degré de productivité qui sera atteint dans l'avenir par notre population.